

REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro

ANO VIII N° 83
EXEMPLAR GRATUITO

Em cartaz

Jornal do Teatro

Camila Amado

Cláudio Torres Gonzaga

Fábio Porchat

Fernando Caruso

Juliana Galdino


Orã Figueiredo

Pedro Brício

Paulo Carvalho

Edwin Luisi em...

Eu sou minha própria **mulher**



Imagine
um **espaço**
cênico, com
todo o acervo
do Teatro
de Arena,
onde você
poderá assistir
o melhor
da produção
artística das
comunidades
cariocas...

...aguarde!

Espírito carioca

“Em pleno apogeu da bossa nova, Vinícius de Moraes lembrou dos velhos carnavais em sua *Marcha da quarta-feira de cinzas*, quando o povo cantava as marchas tão lindas, identificadas por ele como o canto de paz. Foi por concordar que o poeta refletiu em seus versos um sentimento nada estranho aos brasileiros, que Rosa Maria Araújo e eu tomamos a iniciativa de demonstrar, no musical *Sassaricando*, que as marchinhas são muito menos motivos de saudade do que uma presença marcante no inconsciente coletivo do nosso povo.

Estamos convictos de que poucas manifestações refletem com tanta exatidão a criatividade do compositor do Rio de Janeiro e o espírito carioca. Verdadeiras crônicas, contam a história da cidade e as qualidades e os defeitos do seu povo, quase sempre sem abrir mão do deboche e da malícia. São, enfim, músicas que, ao mesmo tempo em que nos remetem a carnavais inesquecíveis, conservam a juventude que encanta a crianças de todas as idades. São eternas.

Com *Sassaricando*, em cartaz no Teatro João Caetano até 24 de junho, nossa intenção foi percorrer os temas abordados por elas para acentuar o papel de cronistas dos seus criadores. É assim que veremos que elas tanto cuidam dos casos de amor quanto dos problemas de moradia, da guerra, dos transportes, da comida, dos modismos, da cidade.

O time de criadores é imenso, mas não podemos deixar de destacar a obra da santíssima trindade formada por Lamartine Babo, Haroldo Lobo e João de Barro. Haverá certamente quem lamente a ausência de uma outra marchinha neste espetáculo. Nós também lamentamos, pois, depois de ouvir mais de mil músicas, concluímos que teríamos de obedecer rigidamente ao critério inicialmente estabelecido. De qualquer maneira, ficou bem claro que um país capaz de criar uma música tão maravilhosa não pode dar errado. O Brasil há de dar certo.”

Sérgio Cabral, maio de 2007



Pé na estrada

Depois de uma bem-sucedida temporada no Teatro Sérgio Porto, a *Cia Aplauso* leva o espetáculo *Amazônia: vida e mistério* para a capital federal. Com direção de Cininha de Paula, a montagem entrelaça lendas e histórias da região amazônica, sonorizadas com músicas do cancionero local e composições de Heitor Villa-Lobos. O grupo se apresenta nos dias 15 e 16 de maio, às 20 horas, na Sala Martins Pena do Teatro Nacional de Brasília. Aplauso para eles!

Do palco ao livro

Um dos precursores, no Brasil, a publicar suas peças em livros, o autor, tradutor e diretor Flávio Marinho acaba de lançar *Cauby! Cauby!*, a versão impressa de um dos maiores sucessos da recente cena teatral. Em breve, o dramaturgo vem com mais novidades: o livro *Oscarito e seu tempo: o riso e o siso*, que traça um perfil pessoal e profissional do consagrado artista; e *Teatro é o melhor programa*, resgatando a memória do teatro carioca por meio de programas de espetáculos. Tem de ler.

Teoria da comicidade

A arte de fazer rir é coisa muito séria. Tanto é que na *Revista Anjos do Picadeiro 5*, com lançamento agora em maio, os artigos se aprofundam em temas como *O palhaço e o poder* e *A tradição e a modernidade no mundo do picadeiro*. A publicação é um registro das ações realizadas durante o encontro internacional de palhaços, realizado no Rio no ano passado, e é coordenada pelo diretor, dramaturgo e gestor Sidnei Cruz.

Falabella é rei

Não bastasse o seu nome nos créditos – respondendo pelo texto, direção e autoria das letras das canções do musical *Império* – o incansável Miguel Falabella agora também entra em cena, interpretando o papel de D. João VI, no lugar de Sandro Christopher. O espetáculo fica em cartaz, no Teatro Carlos Gomes, até 13 de maio, levando ao público uma versão ímpar de uma parte da história nacional. E não se esqueça de levar para casa o CD *Império*, com arranjos e direção musical de Josimar Carneiro.

Ivan Sugahara

Festa de 10 anos

É com imenso prazer que anuncio a comemoração de dez anos da companhia *Os dezechilibrados*. Se fazer teatro no Brasil é uma tarefa árdua, manter um grupo teatral é ainda mais complexo. Além das dificuldades artísticas e de produção, há também as de relacionamento, como em qualquer casamento longo. Por isso, conseguir superar tudo e nos mantermos ativos após tanto tempo, é motivo de festa. E não se trata apenas de manter o nome de um grupo, mas um núcleo fixo de seis integrantes. Porque a identidade da companhia está diretamente ligada às pessoas que a constituem.

A cada obstáculo precisamos reafirmar o nosso desejo. E ultrapassá-los em conjunto acabou sendo uma forma de união. Minha maior alegria hoje é chegarmos aos dez anos vivendo um ótimo momento, tanto no plano externo quanto no interno. Olho para o lado e me emociono ao ver as mesmas pessoas um pouco mais velhas, mas com o mesmo desejo de trabalhar uns com os outros. Depois de todo esse tempo, ainda



DALTON VALÉRIO / DIVULGAÇÃO

“Ultrapassar os obstáculos acabou sendo uma forma de união”. diz Sugahara.

estamos aqui e queremos continuar. Essa é, sem dúvida, uma das coisas de que mais me orgulho. Queridos Saulo, Ângela, Cris, Lê e Karini, obrigado por tudo que vivemos e viveremos juntos. É muito bom caminhar ao lado de vocês.

Como temos muito a celebrar, criamos o projeto *Dez anos dezechilibrados*, que inclui uma série de atividades iniciadas no ano passado. O próximo passo é a mostra comemorativa *Os dezechilibrados em repertório*, com três espetáculos: a mais nova produção do grupo, *Últimos Remorsos Antes do Esquecimento*; e duas das nossas peças mais representativas, *Vida, o Filme e Combinado*. A mostra acontece no *Teatro do Jockey*, de 18 de maio a 1º de julho, de sexta a domingo. Venham festejar com a gente!”

ANÁTEMA

Uma reflexão sobre o que a vida e a morte significam hoje em dia

Por Simone Melamed

A união estável entre Juliana Galdino e o Teatro acaba de passar por um período sujeito a chuvas e trovoadas, daqueles que, no final das contas, acabam fortalecendo qualquer relação. Além de alguns trancos e barrancos na vida pessoal, a fidelidade de sete anos ao *Centro de Pesquisas Teatrais (CPT)*, do diretor paulista Antunes Filho, acaba de ser rompida. Ao mesmo tempo, um outro casamento também acabou acontecendo: o enlace afetivo com o dramaturgo Roberto Alvim. Depois de tantas mudanças, a atriz investe agora na independência artística, trazendo ao Rio, entre os dias 4 e 27 de maio, no Espaço Cultural Sérgio Porto, o espetáculo *Anátema*, um solo escrito e dirigido pelo marido carioca, em que uma *serial killer* confessa seus crimes, defendendo o assassinato como um ato de amor.

“Esta peça me fez reavaliar a minha maneira de fazer teatro, de abordar a relação com a platéia, com o texto e comigo mesma. Se você escolhe fazer um teatro ao vivo, existe um compromisso de ideologia antes de tudo. As pessoas estão cada vez mais passivas em cena, só cuspiendo respostas prontas, banais e estereotipadas. O artista, como um professor, tem que cumprir com o que se propõe. Como uma criança que precisa ter vocabulário para se expressar. Do verbo tem que se fazer carne, passar por você, ser real. A mentira tem que ser feita com verdade”, diz a atriz, que fundou com o parceiro a companhia *Club Noir*, que pretende apostar em temas e textos contemporâneos, de autores nacionais e estrangeiros.





Tempo de uma respiração

Abaixo, um trecho da peça.

"Na volta, o pó intoxicado e o copo de uísque vazio, ele cochilando no sofá, a barriga imensa vazando da camisa aberta. Seu Miles Davis favorito ecoava pela sala. Esperei que a música acabasse antes de continuar. Em silêncio, tirei o bisturi da minha bolsa, caminhei até ele, me ajoelhei como se rezasse e fiz um círculo em volta do seu umbigo, a lâmina cirúrgica deslizando fácil, lacerando com delicadeza a carne, como faca de pão na manteiga, patins no gelo, uma dança. O sangue demorou pra brotar o tempo de uma respiração. Aí escorreu pele abaixo, desenfreado, grudando nos pêlos, rio de água lamacenta abrindo caminho. Acorda. Acorda, querido. Seus olhos se abriram, eu já de pé, como se velasse por ele, protegendo de todo mal, abriu os olhos, no rosto a mansidão de quem bebe habitualmente, abriu os olhos mansos, me viu. E então veio, do fundo de sua alma, que ficava na sola dos seus pés, veio subindo a custo dali do fundo pelas veias entupidas de suas pernas, devagar, atravessando lentamente o entulho de sua massa até brotar em seu rosto como um movimento sísmico — um sorriso. O sangue brotando quente de sua barriga aberta, encharcando sua calça, e ele sorrindo como quem passeia ao sol do jardim depois da doença."

>> Fenômeno global

No dicionário, anátema é sinônimo de maldição, condenação, excomunhão. No palco, o título é traduzido numa encenação que acompanha o depoimento de uma mulher. Na busca pela compreensão do real significado de se estar vivo, ela mata, por compaixão, sete pessoas que, do seu ponto de vista, já estavam acabadas, excluídas e mortas em vida. "Seriam os *serial killers* os heróis da cultura de nosso tempo? Da década de 60 até hoje, os filmes, livros e programas de TV que retratam o assassinato em série se multiplicaram muitas vezes, e o personagem se tornou uma espécie de resumo da violência contemporânea. Às vezes aparecendo como criaturas estúpidas,

outras vezes como gastrônomos refinados ou brilhantes manipuladores, o assassino em série se tornou um fenômeno absolutamente global na atualidade", aponta Alvim.

"Este é um pretexto para falar sobre outras coisas, que não se fala normalmente, mas que o teatro permite o aprofundamento. Apesar de o assassinato ser o que mais choca, porque é um tabu, na peça fala-se mais de amor do que de assassinato, que fica em segundo plano e é apenas uma metáfora para abordar o encontro, a redenção e a liberação", conta a atriz, que também é professora de interpretação na *Escola de Comunicações e Artes (ECA)*, da *Universidade de São Paulo (USP)*.



Uma travessia onírica entre a vida e a obra do escritor Ariano Suassuna

Por Simone Melamed

Jão Grilo e Chicó já confirmaram presença: chegarão diretamente das páginas de *O Auto da Compadecida*. Clarabela, de *A farsa da boa preguiça*, também já mandou dizer que não faltará de jeito algum – e chegará de braços dados com Quaderna, que deixará *A pedra do reino* especialmente para o evento. Estes e tantos

outros personagens da vasta obra de Ariano Suassuna têm encontro marcado no próximo dia 10 de maio, quando entra em cartaz, no Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil, o espetáculo *Ariano*, em homenagem aos 80 anos que o escritor completa agora em junho. Na peça, que aborda diferentes fases da vida do romancista, ele se encontra com

algumas criaturas saídas da sua imaginação, além de contracenar com nomes de destaque da literatura nordestina.

Licença poética

“O Ariano, como artista e ser humano, é um cara extremamente sensível, com uma história de vida forte e bonita. A peça se baseia em sua vida, mesclando trechos de peças, personagens criados por ele e grandes artistas que ele admira. É uma colcha de retalhos sobre o espírito artístico do Ariano, com passagens importantes de sua história, da obra que produziu e também das que o influenciaram. Pedimos uma licença poética e criamos um D. Quixote nordestino, desassociado da realidade e redesenhado e reinventado por ele mesmo. Mas fomos fiéis aos seus sentimentos, que foi o que gerou o espetáculo e gera essa saga dele”, explica o ator pernambucano Gustavo Falcão, que representa o dramaturgo em cena, na companhia de 14 atores do grupo *Epigenia Arte Contemporânea*.

A estrutura narrativa da peça usa a *Divina Comédia* de Dante como referência e é dividida em três atos: Sol (Inferno), Sangue (Purgatório) e Sonho (Paraíso), elementos fortes na obra de Suassuna e na própria cultura do sertão nordestino. “A peça é um sonho onde o escritor procura por seu reino. Nós mostramos a busca de Ariano pela Fazenda *Acauã*, onde nasceu, um local que representamos como o paraíso para ele, como lugar de onde foi tirado pelas circunstâncias. É uma experiência inédita, já que pela primeira vez que a própria vida de Ariano é levada ao palco”, conta o diretor Gustavo Paso, também responsável pelo

texto, em parceria com o jornalista e poeta paraibano Astier Basílio, num trabalho de pesquisa que durou oito meses.

Popular e clássico

Na homenagem ao imortal da *Academia Brasileira de Letras* e incansável defensor das raízes brasileiras não poderia faltar ingredientes do *Movimento Armorial*, criado por ele, na década de setenta, mesclando arte popular com conceitos eruditos. “O *Movimento Armorial* está representado tanto na linguagem do texto quanto na estética, na cenografia, no figurino e na trilha sonora. O movimento se caracteriza pela junção do mais clássico com o popular, resultando em trechos e personagens bem populares da tradição pernambucana misturados com referências à *Divina Comédia* e ao D. Quixote, por exemplo”, observa Falcão. Ele, junto com os outros atores, canta e toca instrumentos como rabeca, pífano e zabumba, típicos do *Movimento Armorial*.

Na tevê

Certa vez, Ariano Suassuna declarou que se ele pudesse salvar apenas uma obra, dentre tantas que escreveu, a eleita seria *A pedra do reino*. Concebida em 1971, o romance predileto do autor vai ganhar espaço na telinha da Globo, a partir de 12 de junho, com a estréia da microssérie homônima, idealizada e dirigida por Luiz Fernando Carvalho. Dividida em cinco episódios, *A pedra do reino* faz parte do projeto *Quadrante*, que irá realizar duas microsséries por ano, inspiradas em talentos regionais da literatura brasileira.

O homem VIVO



Poemas de Brecht convidam o público ao prazer e à reflexão

Segundo o cantor e ator Eduardo Dussek, muita gente foi criada no “galinheiro” de Camilla Amado, nos mais de vinte anos em que ela produziu diversos espetáculos. Aliás, criados tendo a consciência de que a arte do teatro é uma atividade espiritual e que o estado meditativo é fundamental para se estar em cena, como ela costuma dizer. Ou, simplesmente,

criados seguindo a cartilha de decorar o texto, respirar bem e não esbarrar no cenário. Brincadeiras à parte, o fato é que a veterana do teatro nacional realmente formou diversas gerações de atores que, certamente, estarão nas primeiras filas do Teatro do Espaço SESC, no dia 4 de maio, para conferir a estréia da peça *O homem vivo*, a nova empreitada da mestra, na

companhia do ator Orã Figueiredo e sob a batuta do diretor Delson Antunes.

“Para produzir teatro durante a ditadura, fui vendendo as minhas coisas, porque era uma época em que não existia patrocínio. Quando não tive mais nada para vender, continuei trabalhando como contratada. Mas só queria voltar a fazer teatro dizendo coisas que tivessem a ver com o que estamos vivendo. Estou há dez anos pesquisando os poemas de Brecht, por quem me apaixonei em 1964, quando fiz uma cena da peça *A exceção e a regra*, mas só agora, quando ganhei um dinheiro com o prêmio *Miriam Muniz*, deu para montar”, conta Camilla. Depois de muitas negociações, ela é a detentora, no Brasil, dos direitos autorais da obra poética do autor alemão.

Caminhantes

Ainda que a espera tenha sido longa, valeu a pena. Para aproximar a platéia à obra poética de Brecht – menos conhecida do que seus trabalhos dramáticos – a encenação é construída em cima de dois trabalhadores de-

Som em cena

Além da trilha especialmente composta para o espetáculo, por João Carlos Assis Brasil, a peça ainda conta com as seguintes músicas:

- * *Canção cigana e canção folclórica*, de Brahms
- * *Mack The Knife e September Song*, de Kurt Weill
- * *Hor'ich das Liedchen e estudos sinfônicos*, de Schumann
- * *Lili Marlene*, de Norbert Schultze
- * *Bachianas n.5*, de Villa-Lobos
- * *Smile*, de Charles Chaplin

FOTO: DALTON VALÉRIO / DIVULGAÇÃO

A exceção e a regra

Conheça um dos trechos do poema:

“Estranhem o que não for estranho.

Tomem por inexplicável o habitual.

Sintam-se perplexos ante o cotidiano.

Tratem de achar um remédio para o abuso

Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra”

sempregados, tipos que foram “emprestados” ou inspirados na peça *A exceção e a regra*, do mesmo autor. Durante uma longa caminhada em busca de trabalho e comida, a dupla conversa e reflete sobre a vida, servindo-se somente de palavras do dramaturgo, em poemas que falam sobre paz, guerra, liberdade, opressão, verdade e fé na mudança. Para emoldurar o percurso, o pianista João Carlos Assis Brasil e o cantor Wladimir Pinheiro entoam, ao vivo, músicas de Kurt Weill, Schumann e Brahms, entre outras.

“Eu precisava de alguém para dizer os poemas e não queria que fosse o ator dizendo, como se ele soubesse e o público não. Também não queria que fosse a classe média dizendo poemas porque ela não está ativa, está parada. Na boca de quem, então, colocar os poemas? Escolhemos o trabalhador de uma classe mais baixa e mais lúcida. O Mário de Andrade dizia que o povo é conservador e analfabeto por definição da classe dominante, que não permite que ele saia desta situação. Mas, mesmo sob essa definição, a sabedoria está com o povo e a alegria também. Se você não tem o que consumir, não tem bens, o seu bem – que é a própria vida – é estar vivo, porque só se vive uma vez. E apesar de ter sido de uma classe mais abastada, o Brecht viveu sob o tempo do nazismo e sabia do valor da vida”, declara Camilla.

Eu sou minha própria

mulher

Aos 35 anos de carreira, Edwin Luisi estréia seu primeiro monólogo

Por Simone Melamed

Mais do que um colecionador de prêmios, o ator Edwin Luisi pode ser considerado um garimpador de preciosidades, daqueles que têm faro apurado para descobrir – e construir – um bom personagem. Agora, ele adiciona um elemento novo ao seu colar de pérolas, dando vida, a partir de 10 de maio, à Charlotte Von Mahlsdorf, figura central da peça *Eu sou minha própria mulher*, na Sala Tonia Carrero do Teatro Leblon. E é bom que fique claro que, para além da metáfora inicial, o tal colar não só é um acessório indispensável ao personagem principal da peça, como também funciona como uma espécie de peça de resistência do seu feminino, que superou a tudo e a todos durante sua conturbada existência, inclusive a sua própria masculinidade.

“Há dois anos, quando eu estava indo para Portugal fazer um trabalho, várias pessoas me disseram que tinham visto uma peça na Broadway (Nova York) que era a minha cara. Três meses depois, assim que voltei, estava passeando na praia do Leblon e uma atriz disse que viu uma peça que só eu podia fazer. Como acredito nos sopros divinos que vêm no ouvido da gente, tentei comprar os direitos da peça mesmo sem tê-la lido. Achava que era uma grande comédia, mas quando chegou uma pequena tradução literal, quase me arrependi”, lembra o ator, já sem nenhum arrependimento e totalmente envolvido com o personagem que, desde 2004, vem angariando aplausos não só no circuito teatral nova-iorquino como em outras cidades das Américas e da Europa.

>>

ILUSTRAÇÃO SOBRE FOTOS DE LIVIO CAMPOS / DIVULGAÇÃO





>> Um sobrevivente

Sozinho em cena, Edwin dá voz a quase trinta personagens, seguindo uma prescrição do autor, Doug Wright, para que apenas um ator interprete a todos. “Alguns papéis são protagonistas, outros medianos e até figurantes. As mudanças de um personagem para outro são mágicas, com muita sutileza. Uma olhada para o lado, uma beijoleta, uma voz que muda... São alguns códigos e sotaques variados. Só três não falam com sotaque alemão, e eu realmente comecei a estudar o idioma. Mas a professora nem desconfiava que eu prestava mais atenção nela falando português, com aquele sotaque horrível e carregado, do que na própria aula”, conta, às gargalhadas, o ator.

A necessidade do verniz germânico vem diretamente das páginas da vida, já que a trama é baseada na história verdadeira de um

alemão que não só atravessou o período nazista, como enfrentou o comunismo na Alemanha Oriental, cuidando de um museu inusitado com um porão onde funcionou, clandestinamente, nada menos do que um cabaré gay, o *Mulack-Ritze*. “A vida dele foi fascinante. E quem conta, na peça, é o próprio Doug. Um correspondente de um jornal americano vai a Berlim, descobre este personagem maravilhoso e vai com Doug conhecê-lo. É aí que o autor resolve escrever um personagem de teatro para ele. Eu faço o dramaturgo, a mãe, a tia, o jornalista... Quando a história vem à tona e a Alemanha o descobre, ele vira pop, *cult*. Foi o único travesti sobrevivente ao nazismo e ao comunismo”, destaca Edwin.

A vida como ela é

Não bastasse ter sido um travesti, que

vivenciou dois regimes absolutamente avessos ao homossexualismo, a trajetória de Charlotte – nome do personagem – ainda conta com outros capítulos trepidantes, como a acusação de ela ter sido informante da polícia secreta comunista e ter delatado alguns amigos. “São fatos comprometedores que a fazem ser amada, execrada e resgatada depois. É o grande conflito da peça, que desencadeia uma crise nela e no Doug, mostrando o drama pessoal de cada um. A peça é leve e emocionante. É a vida como ela é, além de mostrar um período histórico interessante, como nunca foi visto. E é sempre bom ver o outro lado”, conta o ator, que é dirigido por Susana Garcia e Herson Capri, seu parceiro de cena em outras empreitadas – como as recentes peças *Triunfo Silencioso* e *Um marido Ideal* – e que, agora, estréia na nova função.

E assim nasceu o nome da peça...

O alemão Lothar Berfeld começou a se vestir como mulher na adolescência, a partir dos 15 anos. Ele dizia pertencer a um terceiro sexo e se manteve assim até falecer, em 2002, com 74 anos. Quando o conheceu, o autor Doug Wright disse ter sentido “como se tivesse descoberto um verdadeiro herói gay”. Nas entrevistas que concedeu ao dramaturgo, de agosto de 1992 a janeiro de 1994 – rendendo mais de 500 páginas – Charlotte confidenciou que, quando estava com 40 anos, sua mãe perguntou se já não estava na hora de pensar em se casar. A resposta, certa, acabou virando o título da peça: “Não. Eu sou minha própria mulher!”

*Sem o apoio
de vocês, não
voaríamos
tão longe...*



*O Galpão Aplauso
agradece!*

NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Terapia do riso

“O elenco é versátil e maravilhoso. São talentos a serviço de um humor inteligente. O texto foi muito bem escolhido, com ótimas pontuações na crítica social. É um espetáculo bem estruturado e que surpreende o público!”

Francisco Cuoco, ator

A força do destino

“Uma peça extremamente feminina e delicada. Os atores estão excelentes e a direção do Henrique Tavares é incrível. Divertido e sensível, amei quando assisti!”

Patrícia Pinho, atriz



Apareceu a margarida

“Adoro o texto do Roberto Athayde em *Apareceu a Margarida*, é uma obra-prima. O diretor Bruno Garcia conseguiu fazer uma ótima leitura. Também gosto muito da atuação da Marília Medina, que teve disciplina, competência e muita dedicação para abraçar a personagem.”

Arlete Salles, atriz

A alma imoral

“A peça é profundamente simples. A Clarice (Niskier) desnuda a religiosidade, a filosofia e o humano com muito senso de humor, clareza e poesia. É desses trabalhos que a gente quer ver várias vezes!”

Alessandra Maestrini, atriz



em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A ALMA IMORAL

A adaptação do livro homônimo do rabino Nilton Bonder traz reflexões sobre o certo e o errado, a tradição e a traição. Texto: Nilton Bonder. Adaptação e interpretação: Clarice Niskier. Supervisão de Amir Haddad. **Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta, 17h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, sexta e domingo, R\$ 50. Sábado, R\$ 60.

A DESCOBERTA DAS AMÉRICAS

Performance, humor e canibalismo se encontram neste espetáculo, uma crítica mordaz à colonização das Américas. Texto: Dario Fo. Direção: Alessandra Vannucci. Com Júlio Adrião. **Teatro Miguel Falabella** (Rua Dom Hélder Câmara, 5333, NorteShopping). Fone: 2597-4452. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e domingo, R\$ 30. Sexta e sábado, R\$ 35. A partir de 3 de maio.

A FORÇA DO DESTINO

Baseado no romance homônimo de Nélide Piñon, que faz uma paródia à ópera de Verdi. Adaptação: Carla Faour. Direção: Henrique Tavares. Com Antonio Fragoso, Carla Faour, Isaac Bardavid, Ana Velloso e Thelmo Fernandes. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2299-5583. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20. Até 3 de junho.

A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

A luta entre o bem e o mal é personificada na figura de Augusto Matraga, protagonista de um dos contos mais famosos de Guimarães Rosa. Adaptação e direção de André Paes Leme. Com Vladimir Brichta, Cláudio Gabriel e Georgiana Góes. **Teatro SESC Ginástico** (Rua Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2279-4025. Quinta a domingo, 19h30. R\$ 25.

ADYA NATYA

Espectáculo baseado no Kathakali, uma das mais antigas formas de teatro-dança do mundo, na qual a mitologia hindu é reverenciada. Direção e coreografia de Leandro Lobo. Com Leandro Lobo e Mariana Lentini. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563- 4163. Segunda, 21h. R\$ 20. Até 4 de junho.

ANÁTEMA

Uma *serial killer* justifica seus assassinatos como um ato de amor, em nome da busca pela compreensão do que significa, realmente, estar vivo. Texto e direção: Roberto Alvim. Com Juliana Galdino. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 15. Até 27 de maio.

ANDANÇAS, VIDA E OBRA DE ARTHUR BISPO DO ROSARIO

A peça flagra a rotina do artista e seu universo particular por meio de uma



linguagem poética e delirante. Texto e interpretação: Alex Mello. Direção: Paula Feitosa. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2565. Quinta a domingo, 19h. R\$ 20. Até 13 de maio.

APARECEU A MARGARIDA

Marco da dramaturgia nacional na década de 70, o texto metaforiza o poder através da figura de Dona Margarida, professora primária que tem métodos muito próprios para educar seus alunos. Texto: Roberto Athayde. Direção: Bruno Garcia. Com Marília Medina. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quarta e quinta, 21h. R\$ 25. Até 31 de maio.

ARIANO

Homenagem ao escritor Ariano Suassuna, abordando trechos de sua vida e alguns de seus personagens históricos. Texto e direção: Gustavo Paso e Astier Basilio. Direção: Gustavo Paso. Com Gustavo Falcão e Cia. Teatral Epigenia Arte Contemporânea. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R\$ 10. A partir de 10 de maio.

ARMAZÉM EM ESTOQUE (MONTAGENS DO ARMAZÉM COMPANHIA DE TEATRO)

Pessoas invisíveis (26/04 a 06/05. Quinta a domingo, 20h) e *Esperando Godot* (10 a 20/05. Quinta a domingo, 20h).

Fundição Progresso (Rua dos Arcos, 24, Lapa). Fone: 2210-2190. R\$ 30.

CAMPO DE PROVAS

A peça trata de questões comuns aos instáveis relacionamentos amorosos contemporâneos. Texto: Aimar Labaki. Direção: Gilberto Gawronski. Com Cláudia Lira, Leonardo Franco, Guilhermina Guinle e Marcos Winter. **Centro Cultural Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro, 180, Botafogo). Fone: 2543-5411. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 30. Até 27 de maio.

COMÉDIA EM PÉ

Cláudio Torres Gonzaga, Fernando Caruso, Fábio Porchat e Paulo Carvalho apostam no gênero *stand up comedy* para falar sobre o cotidiano, sob uma ótica mais que bem humorada. **UCI Cinemas do New York City Center** (Av. das Américas, 5000, Barra da Tijuca). Sexta e sábado, 21h30. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quarta, 21h.

CORAÇÕES ENCAIXOTADOS

Questões cruciais da vida pessoal e profissional de Dulce vêm à tona, no confuso dia da sua mudança de casa. Texto: Bosco Brasil. Direção: Ricardo Kosovski. Com Maria Clara Gueiros e Aloísio de Abreu. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Quinta a domingo, 20h. Quinta, sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 50.

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

Versão brasileira do musical da Broadway, que conta a história verídica do travesti Charlotte, que viveu o nazismo e o comunismo na Alemanha. Texto: Dough Wright. Direção: Herson Capri e Susana Garcia. Com Edwin Luisi. **Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 50. Sexta, R\$ 60. Sábado e domingo, R\$ 70. A partir de 10 de maio.

FEDERICO GARCIA LORCA/ O PEQUENO POEMA INFINITO

Em cena, idéias, memórias e sonhos do famoso poeta e dramaturgo espanhol. Roteiro: José Mauro Brant e Antonio Gilberto. Direção: Antonio Gilberto. Com José Mauro Brant. **Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Terça e quarta, 21h. Quinta, 17h. R\$ 40.

FIM DE PARTIDA

Nesta “comitragédia”, Beckett cria um universo mítico povoado por criaturas que lutam em vão para expressar o impossível. Texto: Samuel Beckett. Direção: Pedro Brício. Com Guida Vianna, Isabel Cavalcanti. **Espaço SESC, mezanino** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta e domingo, 20h. Sexta e sábado, 21h30. R\$ 12. A partir de 17 de maio.

GRAPHIC

Unindo a estética de quadrinhos, cinema e teatro, o espetáculo acompanha

a história de três personagens que disputam uma vaga numa editora. Texto, vídeos e direção: Paulo Biscaia Filho. Com leandro daniel colombo, Rafaella Marques e Carolina Fauquemont. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R\$ 10. Até 27 de maio.

IMPÉRIO

Comédia musical relembra um período da história brasileira de uma forma jamais contada nas escolas. Texto e direção: Miguel Falabella. Direção musical: Josimar Carneiro. Com Miguel Falabella, Stella Miranda, Claudia Netto. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 2232-8701. Quinta e sexta, 19h. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 25. Até 13 de maio.

LAPIANAS

A boemia carioca contada por músicas e personagens da Lapa. Texto e direção: Cláudio Mendes. Com Mariana Mac Niven e Cláudio Mendes. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Terça e quarta, 21h. R\$ 20. Até 6 de junho.

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Dona Hermínia sintetiza, com muito humor, a alma das mulheres de meia idade, aposentadas e sozinhas. Texto e interpretação: Paulo Gustavo. Direção: João Fonseca. **Teatro Leblon / Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone:



2294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 35. Sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 50.

NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

As amarguras conjugais de uma mulher contemporânea narradas com humor e vivacidade. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 40. Sexta e domingo, R\$ 45. Sábado, R\$ 50.

O AUTOFALANTE

Desempregado sofre uma crise de comunicação com o mundo e passa a falar sozinho, com sua personalidade repartindo-se em milhares dele mesmo. Texto, direção e atuação: Pedro Cardoso. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 40. Sexta e domingo, R\$ 45. Sábado, R\$ 50. Até 29 de julho.

O HOMEM VIVO

Dois personagens andarilhos de uma peça de Brecht refletem sobre a vida por meio de poemas do autor. Voz e piano ao vivo. Texto: Bertolt Brecht. Direção: Delson Antunes. Com Camilla Amado e Orã Figueiredo. **Teatro do Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156.

Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R\$ 12. Até 27 de maio.

OS SEGREDOS DE ALMERINDA

Comédia em que uma emergente faz revelações bombásticas durante uma sessão de análise. Texto e interpretação: André D'Lucca. Direção e supervisão de texto: Heloísa Perissé e Ingrid Guimarães. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 25. Até 24 de junho.

PEQUENOS CRIMES CONJUGAIS

Casal tenta reconstruir o casamento depois de um misterioso acidente no qual o marido perde a memória. Texto: Eric Emmanuel Schmitt. Direção: Marcio Aurelio. Com Maria Fernanda Cândido e Petrônio Gontijo. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544.2533. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. Sexta, R\$ 50. Sábado e domingo, R\$ 60. Até 13 de maio.

RASGA CORAÇÃO

Uma retrospectiva do cenário político nacional, da década de 30 até os anos 70. Texto: Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Dudu Sandroni. Com Zé Carlos Machado, Xando Graça, Pedro Rocha. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R\$ 20. Sábado e domingo, R\$ 25. Até 27 de maio.



RENATO RUSSO, A PEÇA

Um tributo a Renato Russo. Sua vida e obra são lembrados em monólogo acompanhado por banda de rock ao vivo. Texto: Bruce Gomlevsky e Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Mauro Mendonça Filho. Com Bruce Gomlevsky. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h30. Quinta, R\$ 40. Sexta, R\$ 45. Sábado e domingo, R\$ 50. Até 27 de maio.

SALADA

Comédia temperada com ingredientes que vão do teatro do absurdo ao besteirol, passando pelo musical e o *stand up comedy*. Texto: Luis Salem e Lícia Manzo. Direção: Ernesto Picollo. Com Alexandra Richter e Luis Salem. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 25. Até 03 de junho.

SASSARICANDO

Marchinhas de carnaval formam um painel de como era a vida no Rio antigo. Concepção, pesquisa e roteiro: Rosa Maria Araújo e Sérgio Cabral. Direção: Cláudio Botelho. Com Eduardo Dussek, Soraya Ravelle. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/no., Centro). Fone: 2221-1223. Quinta, 12h30. Sexta, 19h. Sábado, 20h. Domingo, 18h. Quinta e sexta, R\$ 40. Sábado e domingo, R\$ 50. A partir de 3 de maio.

SURTO

Esquetes cômicos que retratam a loucura do cotidiano. Texto, concepção e atuação: Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes, Wendell Bendelack (*Os Surtados*) e Renato Bavier. Direção: Cláudio Handrey e *Os Surtados*. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R\$ 35. Sábado e domingo, R\$ 40.

TERAPIA DO RISO

O trio de atores entra em cena trazendo em malas vários personagens, que vão se transformando ao longo da peça e à vista do público. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563-4163. Terça e quarta, 19h. R\$ 20. Até 30 de maio.

TERRA EM TRÂNSITO E RAINHA MENTIRA/ QUEEN LIAR, DUAS PEÇAS DE GERALD THOMAS

Parte da tetralogia *Asfaltaram a Terra*, a primeira peça é um solo da atriz Fabiana Guigli interagindo com um cisne. A segunda parte do espetáculo é um texto inédito, em que o diretor faz um levantamento alegórico da pulverização de tragédias históricas. Realização: Cia. Ópera Seca. Texto e encenação: Gerald Thomas. **Oi Futuro** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-3060. Sexta a domingo, 19h30. R\$ 10. Até 27 de maio.

A peça termina, as cortinas se fecham, mas o programa continua

Cláudia E.

Todas as carnes

Não deixe de assistir *Anátema*, no Teatro Sergio Porto, com a atriz Juliana Galdino, ganhadora do Prêmio Shell. Depois, vá em busca da melhor carne do Rio de Janeiro, que está na **Churrascaria Porcão**.

Você encontrará não só carnes com cortes diferentes, mas também peixes e frutos do mar, além de sushis e sashimis. O Porcão tem um buffet variadíssimo e saboroso, com saladas maravilhosas. Caso esteja de dieta, é o lugar mais apropriado para mantê-la, sem constrangimentos...

O serviço é correto e a caipirinha muito bem feita. Peça a de abacaxi com lima e não se arrependerá!

Porcão: Rua Barão da Torre, 218, fone 3202-9155, Ipanema

Camarão ao curry

Depois de assistir e se divertir no Teatro Leblon com os 35 personagens da peça *Eu sou minha própria mulher*, com o excelente Edwin Luisi, siga para o restaurante **One Two Pederneiras**, de apenas duas mulheres, mas que valem por muitas... Entre os *appetizers*, opte por tempura de lagostins com molho de raiz forte e ovas frescas. A entrada de mil folhas de berinjela, com tomates frescos, queijo mascarpone e azeite perfumado, também é uma excelente opção. Uma boa pedida como prato principal é o camarão ao curry com arroz de jasmim. Apenas não estranhe, mas o sal e o açúcar vêm em saquinhos...

One Two Pederneiras: Rua Barão da Torre, 368, fone 2522-3730, Ipanema

Ravioli de tomates secos

Ao sair do Teatro I do CCBB, depois de assistir *Ariano*, com Gustavo Falcão, vá conhecer o bistrô do **Olivier Cozan**, em Ipanema. O ambiente é o de um bistrô parisiense, com as sugestões do chef escritas num quadro-negro – sem dúvida, vale a pena segui-las. Tem sempre foie-gras de várias maneiras, e a terrine é simples mas deliciosa, combinando muito bem com uma taça de champagne. Mais tarde, que tal atum com molho de manjerição e ravioli de tomates secos? Outra boa opção são os filés acompanhados de molhos variados. E se pedir de sobremesa o *gateau* de chocolate com *coulis* de framboesa, você com certeza dormirá com os anjos...

Olivier Cozan: Rua Vinicius de Moraes, 130, fone 2247-5351, Ipanema



FOTO: FERNANDA ROMANO / DIVULGAÇÃO

COMÉDIA EM PÉ

Projeto inédito e criativo casa cinema com teatro

Por Simone Melamed

Com um saco de pipoca na mão e um copão de refrigerante na outra, você possivelmente imagina que já viu de tudo numa sala de cinema: ação e aventura, drama e comédia, documentários, policiais e filmes de suspense e terror. Mas a criatividade sempre surpreende... Com um projeto inédito e pioneiro, o grupo *UCI Cinemas*, do *New York City Center* na Barra da Tijuca, vai apresentar um espetáculo de teatro no horário de uma sessão, para o deleite tanto de fãs da sétima arte quanto dos tietes das artes cênicas. O novo empreendimento estréia com exhibições do *pocket show Comédia em pé*, entre os dias 4 e 26 de maio, com Cláudio

Torres Gonzaga, Fernando Caruso, Fábio Porchat e Paulo Carvalho. Eles colocam em prática o que sabem fazer como ninguém: botar a platéia para se esbaldar de rir.

“O projeto surgiu a partir da idéia de ampliar a oferta de entretenimento ao nosso público, levando em conta as nossas possibilidades, já que temos ótimas instalações de salas, com boa acústica, conforto e qualidade. A nossa empresa, *National Amusements International (NAI)*, já realizou essa proposta na Inglaterra e na Argentina, com muito sucesso. Escolhemos o *Comédia em pé* por ser um espetáculo divertido e descontraído, que tem a mesma amplitude de perfil de público

que a *UCI*. Além de ser diferente e fugir do tradicional, que é a nossa proposta no Brasil. Vamos começar em uma sala de 270 assentos, mas, se a resposta do nosso público for acima disso, aumentamos a capacidade da sala e mudamos para uma de 380 lugares”, comenta Mônica Portella, diretora de marketing do grupo de cinemas.

■ Regras a seguir ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

No que depender do histórico recente da peça, a mudança para uma sala maior já está mais do que garantida. O grupo prorrogou várias temporadas na *Casa de Cultura Laura Alvim* – onde continua em cartaz, todas as quartas, até o final de maio – e no *Teatro dos Grandes Atores*, contando sempre com casa lotada, onde o grande chamariz é a constante renovação dos textos e convidados de outros estados a cada semana. Até então, vários comediantes brasileiros já trabalhavam apostando no caminho da *stand-up comedy*, mas sem utilizar a nomenclatura criada nos Estados Unidos para se referir ao gênero tão popular por lá. O que o quarteto do espetáculo em questão fez foi se organizar, em forma de clube, e estabelecer regras para as apresentações, como se fosse uma espécie de *Dogma 95*, a corrente cinematográfica criada na Dinamarca por Lars Von Trier e Thomas Vinterberg, que conta com um conjunto de dez mandamentos que devem ser fielmente seguidos.

“É claro que isto é uma brincadeira! Nós estabelecemos umas restrições, tipo: só pode se apresentar com texto próprio, não pode fazer personagens, não pode usar cenário nem adereço ou sonoplastia. Enfim, um

voto de simplicidade. Em 2005, quando tudo começou, já tinha um movimento forte de solos com personagens, o que foi muito bom e ainda é. Sempre fui um tipo de ‘animador de festa de adulto’ e não tinha um lugar para fazer isso profissionalmente. O *stand-up* era exatamente onde eu me encaixava”, afirma Claudio Torres Gonzaga, uma espécie de coordenador informal do grupo e que, há quatro anos, comanda a redação do programa *Zorra Total*, da *Rede Globo*.

Stand-up comedy ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

A expressão em língua inglesa, também conhecida como “humor de cara limpa”, coloca o foco no comediante que, munido apenas de um microfone, prepara um material humorístico apresentado em pé e sem nenhum recurso cênico. Woody Allen, David Letterman e Eddie Murphy são alguns dos nomes internacionais que iniciaram a carreira rezando na cartilha do gênero, que chegou aqui pelas mãos de José Vasconcelos, na década de 70. Os textos são sempre construídos a partir de observações do cotidiano. “O público gosta muito quando os comediantes riem de si próprio: o gordo fala de ser gordo, o esquisito de ser esquisito, o negro de ser negro e assim por diante. A identificação sempre funciona. Pequenas coisas que você já tinha percebido, mas faltava alguém para organizar de forma engraçada. O que mais ouvimos é ‘puxa é isso mesmo’. O público adora quando desmoralizamos algum tipo de instituição urbana. Ele se sente vingado”, conta Claudio Torres Gonzaga.

FIM DE PARTIDA

Desconcertante parábola de Beckett volta à cena pelas mãos da Zeppelin Cia.

Por Simone Melamed

De acordo com Nell, um dos quatro personagens da peça *Fim de Partida*, de Samuel Beckett, “nada é mais engraçado que a infelicidade”. A definição pode até soar grotesca e absurda, mas é ela que resume com perfeição o tom da montagem que aponta no *Mezanino do Espaço SESC*, a partir de 17 de maio. Neste texto, o irlandês ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, na década de 60, investe mais uma vez no *non sense*, construindo uma notável parábola sobre a nossa condição humana – ou desumana – e o fardo de se viver num mundo esvaziado de sentidos.

“Sempre tive uma relação com Beckett, uma identificação com a linguagem dele, um humor meio seco e às vezes até cruel. Esta peça apresenta uma situação apocalíptica, em que os personagens estão num *bunker* e, ao que parece, fora não há mais vida. É uma mistura de gêneros, de gravidade com comédia, que sempre me interessou. E o texto, que não era montado há um tempo, é visionário, tem uma relação forte com a

atualidade, com o desequilíbrio ecológico e o aquecimento global”, analisa Pedro Brício, diretor da encenação e integrante da *Zeppelin Cia*, que está à frente do projeto.

Excluídos

No microcosmo criado por Beckett, personagens arruinados e condenados à imobilidade, como Hamm, um velho cego e paralítico, e o coxo Clov, que foi criado como seu filho, convivem – juntamente com os mutilados Nagg e Nell – numa total interdependência, esperando pacientemente a morte chegar. Desconectados da realidade exterior – onde as marés estão subindo, os faróis afundando e os mantimentos acabando – moram dentro de latas de lixo e vivem um jogo cúmplice e neurótico, do qual fazem parte grandes queixas e pequenas crueldades.

“O humor é menos valorizado na obra de Beckett, mas ele tem uma visão cômica da vida. Não acho que ele seja niilista, que ache que a vida não vale a pena. O que sobra da vida são as relações, e o Hamm e o Clov têm uma relação complexa de amor e ódio. É tudo muito pertinente. Ele fala sobre humanidade, sobrevivência, jogo, relação. E a peça deixa aberta a possibilidade de transformação. Trabalhamos em cima do equilíbrio entre a comédia e o drama. Se levar a sério, somente no psicológico, é um convite ao suicídio, fica muito duro”,

comenta Brício, que convidou a atriz Guida Vianna, sua primeira professora de teatro, para viver o sádico Hamm.

Canastr’Hamm

Sob a batuta de Gerald Thomas, a atriz Bete Coelho deu vida, em 1990, ao velho Hamm da peça *Fim de Partida*, que na época ganhou o título de *Fim de Jogo*. Aclamada pelo público e pela crítica, sua interpretação ganhou a seguinte declaração do crítico Haroldo de Campos: “Este sádico-melancólico lamurioso CANASTR’HAMM, histriônico, quem o compõe soberbamente é Bete Coelho, encarnando-o com exasperado virtuosismo no registro vocal, nos movimentos sáurios da cabeça e do pescoço, na taquiografia facial. Metido num esdrúxulo roupão de mandarim, entre rei-dos-mendigos e tirano doméstico, ele aparece encarpelado com seu traje de dormir embutido num pedestal sobre rodas. É uma ruína móvel, que se faz maniacamente empurrar para uma sempre recorrente viagem-rodízio em torno de seu umbigo descentrado do seu refúgio, do seu *bunker* sinistro. Neste seu âmbito cinza-amarelo, uma janela quase espelho se abre para um miniteatro iluminado, que duplica em modelo reduzido o teatro em que nós estamos”.

CENA ABERTA

Camilla Amado
em "A Exceção
e a Regra",
Mini Teatro, 1964





Coleção os últimos 8 anos de teatro



Assine Aplauso!



Assinatura
semestral

R\$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2239-1163

ou e-mail: aplauso@gb.com.br

Coleção completa de Aplauso por R\$ 240!

www.aplauso.art.br